

Uma retomada da nossa história, após o Fora Bolsonaro!

Estamos em um momento conjuntural bastante significativo, em que o governo da extrema direita, se encontra em situação mais fragilizada com amplas chances de perder a próxima eleição, ocorrendo a retomada do PT no governo, após seis anos do golpe de 2016.

Foi acertada, portanto, a escolha do tema central do 34º CONSINASEFE, tendo como centralidade a derrota de Bolsonaro. Temos a leitura de que a derrota eleitoral de Bolsonaro já está dada, não podendo ser afirmada ainda a direção que a sociedade irá escolher para substituí-lo. Entretanto, nós entendemos que muito mais do que derrotar este governo, o que precisamos fazer é derrotar a sua ideologia no pós-governo, fazendo com que “estes bichos escrotos voltem para os esgotos” de onde nunca deveriam ter saído e se levantado.

Entretanto, para construirmos um caminho sólido não só para a nossa participação na derrota eleitoral de Bolsonaro e na manutenção do resultado das próximas eleições, deveremos construir táticas e estratégias, estas de médio e longo prazos, para ajudarmos na derrota da ideologia bolsonarista e da extrema direita brasileira. Para definirmos um caminho mais seguro, precisamos refletir sobre esta última década, buscando nossos erros e acertos como ponto de partida desta análise.

Se retornarmos a 2014/2015 iremos ver que de lá para cá muita coisa ocorreu e nós sequer paramos para fazer um balanço da nossa atuação e de que forma nos posicionamos enquanto Entidade Nacional quanto aos fatos históricos que ocorreram no Brasil desde aquele período. Este balanço serviria pelo menos para que pudéssemos rever posições, ter certeza de outras, além de evitarmos repetir estes erros e garantir a manutenção dos acertos.

Não podemos e não queremos ignorar todos os erros cometidos pelo governo de frente popular do Partido dos Trabalhadores – PT, em especial de Dilma, bem como ignorar que a Classe Trabalhadora Brasileira tinha todo o direito em questionar os erros e tropeços cometidos. Entretanto, não podemos deixar de avaliar qual foi o nosso papel e quais as contribuições que nós, enquanto parte da Classe Trabalhadora, demos para que as coisas tomassem o rumo que tomaram e quais os resultados amargamos até os dias de hoje pelas escolhas que fizemos naquele momento. Por isso a necessidade de um balanço mínimo, mesmo que tardiamente, mas que poderá nos alertar para o que teremos pela frente, pois a nossa luta é permanente até que o conjunto da Classe possa transformar a nossa sociedade numa outra realidade e direção, mais justa, fraterna, solidária e tendo como referencial a Classe Trabalhadora.

Este balanço se faz necessário, portanto, exatamente pelo que se apresenta para um futuro bem próximo: janeiro de 2023. Pelas perspectivas atuais, preservadas as condições políticas atuais, será muito provável que o próximo governo federal tenha Lula à sua frente, com a perspectiva clara de mudanças do cenário atual, com a necessidade de um reposicionamento da Classe Trabalhadora Brasileira, em especial do nosso Sindicato Nacional, rumo aos debates do nosso interesse enquanto categoria ou como parte integrante dessa Classe Trabalhadora Brasileira.

Como parte inicial desse balanço, abordaremos a conjuntura entre os anos de 2015 e 2016, quando o SINASEFE, assim como uma parte significativa do conjunto das categorias dos Setores Público e Privado, acabou por abrir mão de uma posição em defesa da democracia e de se colocar de maneira contundente contra o golpe de estado que foi concluído em 2016. Naquele período, mesmo que não fosse a ideia, o nosso Sindicato Nacional acabou se aproximando muito do que tinha de mais atrasado na sociedade brasileira ao se posicionar com “isenção” e, porque não dizer pela omissão, no que acontecia a nossa volta. Mesmo que houvesse justificativas para a irritação da classe contra o governo do PT, além do ódio devidamente alimentado pela mídia a serviço da burguesia, abrir mão das conquistas democráticas, ao corroborar com a burguesia e com o golpe perpetrado por Aécio Neves, Eduardo Cunha, Movimento Brasil Livre - MBL e cia, foi mais do que um erro tático, nós acabamos contribuindo para insuflar o surgimento de uma nova ordem em nosso país, onde os avanços conseguidos anteriormente e durante os 12 anos do PT, foram jogados ralo abaixo junto com o governo Dilma. Nós admitimos naquele momento “jogar fora a água do banho do bebê, junto com o bebê”, essa é a mais pura verdade, que muitos ainda teimam em não admitir porque acaba trazendo à tona a sua avaliação equivocada e o discurso muitas vezes oportunista daqueles e daquelas que também se utilizaram daquele momento para angariar espaço e simpatia política. Afinal, muitos e muitas acabaram surfando naquela onda e conseguiram se estabelecer como lideranças nacionais do movimento sindical, no SINASEFE e fora dele, bem como criar agrupamentos que, em vários casos, ou já sumiram ou se apensaram a outros, após 6 anos do referido golpe.

Um exemplo da nossa certeza ao afirmarmos que ocorreu este “apoio” ou omissão de parcela significativa do SINASEFE, foi o ocorrido no 30º CONSINASEFE, realizado em 2016, também no Royal Tulip, quando ao entrarmos no Plenário daquele Congresso nos deparávamos com uma faixa gigantesca com a insígnia do “Fora Todos!”, numa clara alusão à saída de Dilma, Temer e todos os outros, como se fossem todos/as “farinha” de um mesmo saco. Além, também, da decisão dividida no Congresso sobre a não

participação do SINASEFE no ato que ocorreria na esplanada dos Ministérios contra o Golpe, durante aquele Congresso, com as correntes majoritárias do SINASEFE naquele período, que faziam parte de um bloco auto proclamado classista, defendendo a não participação pois “tinha um Congresso para ser tocado” e era mais importante continuar a sua realização do que defender um governo como o do PT. Ou seja, um posicionamento míope, e por que não dizer reacionário.

Os anos que se seguiram após o golpe demonstraram no que o país acabou se transformando. Os dois anos do governo golpista de Temer foram suficientes para trazer prejuízos definitivos para a Classe, e mesmo que na política econômica o PT fizesse coro com as ações desenvolvidas antes e depois dos seus governos, aquelas três principais Reformas propostas pelo “Ponte para o futuro” de Michel Temer significaram para o país e para a Classe Trabalhadora Brasileira um retorno à década de implantação da política neoliberal no país, que se deu através dos governos Fernando Collor de Melo, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. As Reformas de Temer fincaram uma cunha profunda nas costas da Classe Trabalhadora, e para serem corrigidas levaremos pelo menos duas décadas de recuperação, e se conseguirmos fazê-lo na disputa com a burguesia nacional.

Depois de Temer, ainda sob o signo daquele golpe, o que se viu foi a sociedade dando uma guinada cada vez mais à direita, com a retomada “a luz do dia” do movimento fascista no Brasil, remontando o período da Ditadura Militar, onde os grupos paramilitares e a defesa por Terra, Família e Propriedade (TFP), entre outras correntes dessa linha ideológica, eram a tônica. Afinal, também na esteira das mobilizações de massa de 2013, que começaram à esquerda, mas que acabaram se solidificando à direita, o “povo” estava nas ruas cobrando o fim da corrupção, entretanto abrindo mão das liberdades e dos direitos individuais, conseguidos através de muita luta nas décadas anteriores.

É preciso assumirmos, sim, o fato de que o movimento organizado da esquerda, do qual o SINASEFE faz parte, acabou privilegiando, de alguma forma, um espaço para o surgimento dessa “tralha” fascista, que não encontrou eco durante décadas, enquanto proa da sociedade brasileira, mas que ressurgiu após as mobilizações já mencionadas e que depois com o golpe, três anos mais tarde, serviram como base para a sustentação do lavajatismo e suas consequências, com a unidade construída junto aos setores mais reacionários e repugnantes da nossa sociedade.

Estas “mudanças” de humores, com a prisão posterior de Lula, acabaram por definir favoravelmente a chegada desse “povo” ao poder central, e só sendo possível por conta da

omissão e do moralismo que tomou conta da sociedade e, principalmente, da esquerda brasileira.

Desde o final de 2015 e, de forma mais intensa, desde 2016, o SPL tem se posicionado em PLENAS e demais atividades do SINASEFE denunciando o Golpe contra a democracia brasileira, bem como o erro que o nosso movimento cometia ao não se posicionar em defesa da democracia e em defesa dos direitos individuais seja de Lula como de qualquer outro cidadão ou cidadã. Na época, quando fazíamos esta defesa, éramos acusados pelos “revolucionários” de sermos governistas e pelegos. Vendo hoje a esquerda tentando navegar na onda do retorno de Lula, pela via eleitoral, inclusive como único candidato capaz de derrotar Bolsonaro, temos a certeza do nosso acerto naquela época e de quão fragilizada e à deriva estava aquela esquerda dita revolucionária.

No último Congresso do SINASEFE, a partir de uma tese do nosso Coletivo SINASEFE PARA LUTAR - SPL, parece que a categoria acordou, sendo aprovado naquele fórum a desfiliação da CSP-Conlutas, uma Central que expressou todos os equívocos cometidos pelo movimento e que acabaram nos levando às cordas, exatamente pelo principal erro cometido, assim como por outras Centrais em outros momentos históricos – a CUT, por exemplo - que procuraram atrelar o movimento sindical, transformando-o em uma correia de transmissão de determinados partidos políticos dentro das entidades de classe. Aquela decisão também expressou a retomada da categoria à sua autonomia e à sua rota em defesa dos seus interesses enquanto categoria. Ali era dado um basta àquela política fratricida e de intolerância entre os vários matizes da esquerda no movimento.

Não estamos fazendo essa avaliação porque temos ilusões com quaisquer governos que não tenham no seu programa a mudança da sociedade rumo ao socialismo. Entretanto, se não percebemos as nossas forças e qual o potencial que possuímos para atingir essa realidade, significa transformar uma posição séria e defensável do ponto de vista programático em um panfleto e em palavras de ordem que em grande parte não servem sequer para agitar manifestações ou ações pontuais na defesa de algum item isolado da nossa pauta.

Caso não façamos uma autocrítica sobre todas as questões já abordadas neste texto, vai ser muito difícil não cometermos os mesmos erros ou escolhermos o mesmo caminho que nos trouxe até aqui. Afinal, as coisas não vão sumir ou retroceder como em um passe de mágica, mesmo com a eleição de Lula essa gente vai continuar penando por aí e assombrando o nosso dia-a-dia, assim como ocorria em um passado não tão distante. A sociedade não se movimenta no tempo dos indivíduos, tem o seu próprio tempo, que é muito mais amplo e por isso demora mais a demonstrar as mudanças sociais – inclusive as

mudanças à direita são mais rápidas até porque se notabilizam pelo autoritarismo, individualismo e nenhum apego às normas e legislação estabelecidas. E quando esta legislação é impeditiva são alteradas com instrumentos pouco ortodoxos e também sem qualquer apego ao regramento e ao funcionamento das instituições democráticas.

Enfim, é preciso que reconheçamos nossos erros e acertos do último período, sem a tolerância e autoproclamação peculiares aos momentos eleitorais como os que estamos vivenciando neste 34º CONSINASEFE. Que o mandato desta próxima Direção Nacional seja pautado na verdade e nas escolhas coletivas, a partir do pé no chão e não dos olhares externos dos sábios sem vínculo direto com a categoria, bem como por olhares oportunistas de quem quer apenas garantir um lugar ao sol, ou melhor, um cargo na próxima Direção Nacional do SINASEFE.

Devemos, acima de tudo, buscar manter a nossa autonomia enquanto ferramenta da classe trabalhadora para podermos escolher os caminhos que interessam de fato à Classe e, conseqüentemente, à nossa categoria. A próxima Direção Nacional do SINASEFE terá cerca de 8 meses de mandato antes do próximo governo assumir. Precisamos aproveitar ao máximo este tempo e construirmos ações concretas para a retomada da nossa pauta histórica de reivindicações, garantindo a ampla participação das bases nesta construção, com vistas às negociações que certamente acontecerão a partir de um novo governo de Lula e do PT:

O que estamos propondo neste momento como alternativa

O SINASEFE não é um Sindicato recém-criado, mas é hoje muito maior e muito mais representativo, depois da criação dos Institutos Federais, do que na época da sua fundação.

Não podemos eleger mais uma Direção Nacional do SINASEFE e deixar de lado nossas referências e bandeiras históricas, construídas nos últimos 34 anos. Precisamos unificar antigos e novos para lutar, conciliando-os com as questões que interessam diretamente à categoria, retomando e decidindo, coletivamente, o caminho que pretendemos seguir nestes próximos dois anos.

A Base não vem se sentindo representada nas suas questões, como é o caso dos Técnicos Administrativos - TAEs, por exemplo. Este segmento recebeu apenas duas parcelas desde o seu último reajuste na tabela, enquanto o acordo assinado pelo PROIFES, também assinado em 2015 para os docentes, garantiu cinco parcelas de acréscimo de valores na malha salarial daquele segmento. Cabendo a lembrança de que tínhamos uma proposta anterior à Greve do governo Dilma de 21%, divididos em quatro parcelas e acabou

que muitos segmentos saíram com um percentual menor, em duas parcelas, como foi o caso já mencionado dos técnicos administrativos.

O SINASEFE apostou na lógica do Reconhecimento Saberes e Competências - RSC, na secundarização do reajuste salarial e da reestruturação da carreira, por conta do fetiche dessa RSC, inclusive sob a falsa promessa de dirigentes que seria possível estendê-lo também para os técnicos. Enfim, abandonou uma das suas principais bandeiras e investiu no tratamento parcial da categoria, por segmento, tendo em consequência disso o afastamento da defesa permanente da Paridade entre ativos e aposentados, um dos princípios mais caros da longa trajetória do nosso Sindicato Nacional.

O SPL entende que neste período que irá anteceder a uma possível retomada de Lula ao governo central, devemos construir uma pauta, onde a categoria esteja afinada e defendendo-a já para o primeiro ano do governo do PT.

Devemos construir ações que realmente pautem uma política salarial, com reajuste anual, para além das necessárias campanhas unificadas, e que se oportunize também uma recuperação da remuneração do segmento técnico administrativo, hoje com uma defasagem muito maior que outros setores do Serviço Público. Enfim, devemos retomar nossa pauta histórica, que continua “na moda” e atualizada para ser seguida, defendida e aplicada.

ENVOLVIMENTO DA BASE NA CONSTRUÇÃO DA PAUTA - Precisamos de um Sindicato homogêneo nas suas ações para fora, independentemente da heterogeneidade das posições existentes na Direção Nacional do SINASEFE. Não podemos permitir que o segregacionismo e a divisão dos interesses da base continuem como tônica das ações do Sindicato Nacional, como ocorreu neste último período.

É fundamental que a Base possa ser ouvida e que espaços mais amplos que as PLENAS e Congressos sejam oferecidos e promovidos para oportunizar a participação e posicionamento das bases nestas ações.

CARREIRA ÚNICA - A categoria conhece a proposta histórica da Carreira Única dos/das Trabalhadores/as em Educação? Sabem que o piso e o teto dessa proposta são bem acima do que se paga hoje para os níveis da tabela Docente, por exemplo? Os TAEs sabem que o simples aumento do piso e do step no PCCTAE representaria um aumento bem mais promissor do que as promessas da RSC? As pessoas entendem que política de qualificação continuada e os seus respectivos resultados financeiros, inclusive, seriam avanços bem maiores do que aqueles que tivemos nestes últimos anos, desde que decidimos abrir mão, por exemplo, de uma tabela que garantia a relação proporcional da titulação/regime trabalho Docente?

Enfim, é preciso a retomada desse debate de maneira séria, impedindo que sigamos novamente a lógica oportunista de alguns que queriam apenas fazer sua propaganda. Precisamos retomar a construção histórica da pauta por carreira única, bem como a retomada do debate sobre política salarial atrelada a este debate, não aceitando desvios sem o menor lastro do ponto de vista da segurança financeira e estabilidade salarial para ativos e aposentados.

REVISÃO DA CONTRA REFORMA DA PREVIDÊNCIA - Em relação à Previdência, para além da Reforma aprovada pelo Governo Temer, precisamos rever várias questões que afetam as aposentadorias da nossa base, inclusive com o seu deslocamento para o INSS. Não podemos conviver com estas questões, sem debater o central, buscando a lógica da previdência solidária e a não privatização da nossa aposentadoria através dos fundos privados que também permeiam as nossas aposentadorias hoje.

Além disso, é fundamental a retomada do ponto central da nossa pauta para garantir a Paridade entre Ativos e Aposentados, elemento que acaba servindo como base para outras questões. Aceitar as migalhas pontuais, seja de reajuste ou benefícios que abriguem apenas Ativos deve ser deixado para trás e não deve ser a tônica da nossa defesa e da nossa negociação. Não garantir o respeito à Paridade é burrice, inclusive do ponto de vista que os Ativos de hoje serão os Aposentados de amanhã e isso será uma realidade de todas e todos, mais cedo ou mais tarde.

ENCONTROS REGIONAIS – Existem no SINASEFE desde 1996, mas deixaram de ser a referência da construção pela Base do que se pretende no Sindicato Nacional. Estes são fóruns onde a participação da base é muito maior e garante mais pessoas poderem conhecer a pauta e se posicionar sobre as mesmas, tirando das lideranças que vão às Plenárias o direito de decisões isoladas sobre os temas de interesse de toda a categoria.

Quanto mais se realizam Encontros Regionais, mais debates surgem nas instâncias de base e mais ações são implementadas a partir do conhecimento dessa mesma base. Quando centramos nossas ações e os debates apenas nas instâncias nacionais de representação, deixando de ampliar o conhecimento da pauta pela base da categoria, por muitas vezes, inclusive durante os movimentos grevistas, acabamos por ser abarcados pelo oportunismo das direções do movimento que nem sempre vão na direção do que pretende essa base da categoria.

ESCOLA DE FORMAÇÃO – Na mesma direção dos Encontros Regionais, quanto mais tivermos pessoas preparadas para ajudar na construção do movimento, mais gente teremos envolvidas na luta e na defesa das nossas bandeiras, bem como na sua propagação nos Campi dos nossos Institutos Federais. Além disso, podemos acenar com

um leque bem maior de alternativas e quadros para direção nacional do Sindicato e das Seções Sindicais, fundamentais para a organização e gestão sindical.

Enfim, a preparação e a formação continuada, defendidas para a nossa vida profissional e acadêmica, também são fundamentais para este processo de formação para a luta e para a defesa do nosso coletivo.

Já possuímos instrumentos e condições para isso, o que está faltando efetivamente é o comprometimento da Direção Nacional neste sentido.

Enfim, estas são as contribuições iniciais que apresentamos a este Congresso Nacional do SINASEFE.

Antonildo Santos Pereira

Carlos Magno

William do Nascimento Carvalho